



10º Encontro Internacional de Política Social
17º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Democracia, participação popular e novas resistências
Vitória (ES, Brasil), 27 a 29 de agosto de 2024

Eixo: Marxismo, teoria social e crítica da economia política.

O padrão marxiano do conhecimento enquanto perspectiva revolucionária

Mikaele De Vêras Matias¹
Terçália Suassuna Vaz Lira²

Resumo: Este artigo trata de uma revisão da literatura sobre a construção do conhecimento no curso da história. Ao longo da história, o conhecimento tem passado por mudanças significativas, moldadas pelos padrões de cada época. A construção do conhecimento é inerentemente um produto social e histórico. Antes da era moderna, o conhecimento era baseado na visão greco-medieval, marcado por um baixo desenvolvimento das forças produtivas e uma compreensão limitada da natureza. Nesse contexto, as respostas para questões sociais e naturais eram frequentemente tratadas de maneira a-histórica, desconsiderando as relações sociais. No entanto, o padrão marxiano do conhecimento trouxe uma abordagem revolucionária ao compreender a realidade social colocando-a em perspectiva de totalidade. Com base no materialismo-histórico-dialético, esse padrão destaca que a verdade está na realidade objetiva e que o verdadeiro conhecimento científico é alcançado por meio de uma análise crítica das contradições da realidade material. É através desse padrão de conhecimento que a classe trabalhadora se torna protagonista, enquanto classe revolucionária.

Palavras-chave: Conhecimento; Padrão Marxiano do Conhecimento; Perspectiva Revolucionária; Sujeito Revolucionário.

The Marxian pattern of knowledge as a revolutionary perspective

Abstract: This article is a review of the literature on the construction of knowledge throughout history. Throughout history, knowledge has undergone significant changes, shaped by the patterns of each era. The construction of knowledge is inherently a social and historical product. Before the modern era, knowledge was based on the Greco-Medieval vision, marked by a low development of productive forces and a limited understanding of nature. In this context, answers to social and natural questions were often treated in an ahistorical way, disregarding social relations. However, the Marxian standard of knowledge brought a revolutionary approach to understanding social reality by placing it in the perspective of totality. Based on historical-dialectical materialism, this standard emphasizes that truth lies in objective reality and that true scientific knowledge is achieved through a critical analysis of the contradictions of material reality. It is through this standard of knowledge that the working class becomes the protagonist as a revolutionary class.

Keywords: Knowledge; Marxian Standard of Knowledge; Revolutionary Perspective; Revolutionary Subject.

1. Introdução

A história do conhecimento humano é uma narrativa de constante transformação e evolução, refletindo não apenas no desenvolvimento intelectual, mas também nas mudanças sociais e econômicas que moldaram as diferentes épocas. Ao longo dos séculos, o modo como percebemos, adquirimos e aplicamos o conhecimento passou por

¹ Bacharel em Serviço Social. Mestranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba (PPGSS/UEPB). E-mail: mikaele.matias@aluno.uepb.edu.br

² Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba (PPGSS/UEPB). E-mail: tercalialira@servidor.uepb.edu.br

várias metamorfoses significativas. Este artigo se propõe a explorar essa trajetória, focando nos seguintes padrões de conhecimento: o padrão greco-medieval, o padrão moderno e o padrão marxiano.

No primeiro, o conhecimento era moldado por uma visão de mundo a-histórica, onde a realidade social e natural eram percebidas como imutáveis e regidas por forças divinas. Já o padrão moderno, por se amparar na perspectiva gnosiológica do conhecimento, desconsidera a presença das classes sociais. Por outro lado, o padrão marxiano, baseado no materialismo-histórico-dialético, introduz uma perspectiva revolucionária na construção do conhecimento, destacando a importância das classes sociais, das relações sociais e da totalidade para análise da realidade social. Essa análise crítica é fundamental para contextualizar como o conhecimento é uma ferramenta poderosa na luta por mudanças sociais e na emancipação das classes oprimidas, uma vez que o conhecimento propagado tende a ser o conhecimento da classe dominante.

Consequentemente, abordaremos como o padrão marxiano nos oferece uma abordagem mais profunda dos fenômenos sociais, indo além da aparência dos mesmos, e também destacando o papel fundamental da classe trabalhadora enquanto classe revolucionária para a construção de uma nova forma de sociabilidade.

2. Construindo a base para uma abordagem marxiana do conhecimento

O conhecimento sofreu mudanças significativas ao longo dos anos, basta analisar o padrão de conhecimento propagado em um determinado momento histórico. A construção do conhecimento, por si só, é um produto histórico e social. Destaca-se que não é desde sempre que o conhecimento disseminado na sociedade é o conhecimento científico. Este só ganha status de cientificidade com a Idade Moderna.

O conhecimento também se transforma ao passo que ocorrem as transformações na passagem de uma forma de sociabilidade para outra e depende também do próprio desenvolvimento das forças produtivas de cada momento histórico. Tonet (2013, p. 15) aponta que “existem três grandes momentos na abordagem das questões relativas ao conhecimento. Um primeiro, que podemos chamar de greco-medieval; um segundo, de moderno, e um terceiro, de marxiano”.

Na era grega medieval, marcada pelo padrão de conhecimento greco-medieval (presente nos modos de produção escravista e no feudalismo), havia um baixo desenvolvimento das forças produtivas, e limitações acerca do conhecimento sobre a

natureza. Destarte, as respostas para os problemas/fenômenos existentes na realidade social acabavam sendo dadas igualmente as respostas para os fenômenos da natureza, no qual suas estruturas pareciam ter um caráter de naturalidade e imutabilidade. Nesse padrão greco-medieval, havia a centralidade no objeto, na realidade social, mas era de forma a-histórica, além de desconsiderar a presença das relações sociais. Tonet (2013) aponta que neste padrão,

O mundo natural, como também o mundo social, não eram percebidos como históricos e muito menos como resultado da atividade dos homens. Entre mundo e homem se configurava uma relação de exterioridade. Por isso mesmo, ao homem cabia, diante do mundo, muito mais uma atitude de passividade do que de atividade, devendo adaptar-se a uma ordem cósmica cuja natureza não podia alterar. Embora se visse compelido a agir, sabia que seu destino não seria, em última análise, decidido por ele. Por seu lado, o conhecimento verdadeiro tinha um caráter muito mais contemplativo do que ativo, pois ao sujeito não cabia mais do que desvelar a verdade existente no ser. Deste modo, tanto o conhecimento como a ação tinham como polo regente a objetividade (mundo real), sendo esta marcada por um caráter essencialmente a-histórico. Esta posição face ao mundo e à problemática da ação e do conhecimento não sofrerá alterações essenciais até o final da Idade Média. (Tonet, 2013, p. 24)

A existência das classes sociais, nesse padrão greco-medieval, aqui formada por escravos versus senhores (escravismo) e servos versus senhores (feudalismo), não eram vistas como um produto histórico-social, mas sim visto como algo regido por uma ordem universal e que de forma alguma podia ser alterada. Se assemelha com a ideia difundida no liberalismo³ acerca da posse da propriedade privada, no qual era disseminado que umas pessoas foram abençoadas para tê-la e outras não e que a estas só restavam aceitar a sua condição/destino, vendendo a sua força de trabalho e sendo “despossuídos” de riqueza social.

Podemos até mesmo refletirmos, o porquê dos escravizados não se rebelarem contra os seus senhores, uma vez que eles estavam em um número maior de indivíduos; uma possível explicação, seria o fato de que os mesmos acreditavam na ideia de um mundo finito, onde “[...] tinha uma estrutura e uma ordem hierárquica definidas e essencialmente imutáveis”, como aponta Tonet (2013, p. 24). Logo, acreditavam, que era preciso apenas aceitar o seu destino de subserviência, uma vez que nesse período histórico não se esperava por uma transição de um modo de produção para outro. Uma outra forma de sociabilidade sequer era imaginada.

³ O pensamento liberal se baseia nos seguintes dogmas: no direito natural, na liberdade do comércio, na propriedade privada e nas virtudes do equilíbrio do mercado.

Os escravizados não imaginavam que uma hora a escravidão iria chegar ao fim; ela felizmente, não durou para sempre⁴ como algo imutável e até mesmo como algo divino, tendo em vista que no padrão greco-medieval havia uma recorrência aos deuses para explicações sobre os fenômenos da sociedade. A frase repercutida na sociedade “foi Deus quem quis assim” nunca teve tanto sentido. Destarte, nota-se o caráter a-histórico do conhecimento nesse período.

É importante destacar que da mesma forma que houve o fim do escravismo, e do feudalismo, poderá vir o fim do modo de produção capitalista, uma vez que o próprio homem é um sujeito histórico-social, e além disso é um sujeito revolucionário, como apontou o próprio Marx. Outra forma de sociabilidade, como o socialismo/comunismo é uma possibilidade real, não utópica. O capitalismo não é uma forma definitiva de sociabilidade, tampouco é o nível mais avançado de sociedade, tudo irá depender da luta de classes, portanto, nos termos de Marx e Engels (2008, p. 66), necessita que, “proletários de todos os países, uni-vos!”.

Se pararmos para refletir, veremos que o conhecimento propagado na realidade não é o conhecimento crítico/ontológico⁵, uma vez que se este realmente fosse difundido, poderíamos estarmos soltos das amarras do capitalismo. Pensar o método científico na atualidade, como aponta Tonet (2013), passou a ser apenas o método científico da modernidade, amparado na perspectiva gnosiológica⁶ do conhecimento, no qual o fazer ciência passou a ser a ciência de uma determinada classe: o da burguesia. Esta classe,

⁴ Digamos que foram apenas as correntes que se modificaram...basta olhar os números crescentes de trabalhos análogos a escravidão em pleno século XXI.

⁵ Segundo Tonet (2013, p. 14) o “ponto de vista ontológico é, por sua vez, a abordagem de qualquer objeto tendo como eixo o próprio objeto. Lembrando, porém, que ontologia é apenas a captura das determinações mais gerais e essenciais do ser (geral ou particular) e não, ainda, da sua concretude integral. Deste modo, a captura do próprio objeto implica o pressuposto de que ele não se resume aos elementos empíricos, mas também, e principalmente, àqueles que constituem a sua essência. Ainda independente de ser uma ontologia de caráter metafísico ou histórico-social, o ponto de vista ontológico implica a subordinação do sujeito ao objeto, vale dizer que, no processo de conhecimento, o elemento central é o objeto. Neste sentido, não cabe ao sujeito criar - teoricamente - o objeto, mas traduzir, sob a forma de conceitos, a realidade do próprio objeto.”

⁶ Já o “ponto de vista gnosiológico é, pois, a abordagem de qualquer objeto a ser conhecido que tem como eixo o sujeito. Lembrando a chamada “revolução copernicana” levada a cabo por Kant, podemos dizer que, neste ponto de vista, é o sujeito o elemento central. Em vez de o sujeito girar ao redor do objeto, como no caso da concepção greco-medieval, aqui é o objeto que gira ao redor do sujeito. Enfatiza-se, neste caso, não só o caráter ativo do sujeito no processo de conhecimento, mas especialmente, o fato de que é ele que constrói (teoricamente) o objeto. O sujeito é o polo regente do processo de conhecimento. É ele que colhe os dados, classifica, ordena, organiza, estabelece as relações entre eles e, desse modo, diz o que o objeto é.” (Tonet, 2013, p. 13)

para não perder os seus privilégios e interesses, defende o seu conhecimento propagado como único e verdadeiro.

Desse modo, qualquer forma de pensar que questiona esse conhecimento propagado pela burguesia, como a perspectiva ontológica/marxista do conhecimento, é visto como desqualificado, não validado, e sem fundamentos, com o intuito nada mais, nada menos, de não colocar em xeque o funcionamento da sociedade capitalista. Aliás, não é à toa a perseguição pela extrema direita brasileira à pedagogia freireana, uma vez que esta tem como intuito formar cidadãos cada vez mais críticos sobre a realidade a sua volta, através da pedagogia libertadora de Paulo Freire. Por isso o tentam satanizar a todo custo. Com sujeitos que não questionam os problemas na sociedade, quem acaba se beneficiando com isso? O próprio sistema capitalista. Não é benéfico para esse sistema que a classe oprimida reconheça a exploração e a opressão, já que estas são inerentes a esse modo de produção.

É importante ressaltar aqui, o que o Tonet (2013, p. 16), destaca: não dá para pensar nas questões relativas ao conhecimento ignorando a presença das classes sociais - estas estão presentes em todas os modos de produção já existentes - visto que “[...] o sujeito fundamental – não o único – da história, são as classes sociais”. Elas são fundamentais na construção do conhecimento e na propagação de uma concepção de mundo. Logo, essa concepção de mundo passa a ser apropriada pela classe burguesa dominante, favorecendo a abordagem gnosiológica do conhecimento. O autor destaca que,

[...] a conquista e a manutenção do domínio de uma classe sobre outras exige que a classe que quer dominar lance mão não apenas de forças materiais, mas também de forças não materiais (ideias e valores). E, para isso, ela deve dar origem a determinada concepção de mundo que fundamente o seu domínio. Deste modo, conhecer e explicar o mundo de determinada forma são condições imprescindíveis para que uma classe conquiste e mantenha o seu domínio sobre outras. (Tonet, 2013, p. 16)

Na *Ideologia Alemã* (1986), Marx e Engels ao falar sobre a classe e a consciência dominante resumem bem como as ideias são apropriadas pela classe dominante ao ressaltar que,

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que a expressão

ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época. (Marx; Engels, 1986, p. 67)

Mas então, como podemos chegar ao verdadeiro conhecimento científico? De início, é prescindível colocar que a verdade está no próprio objeto, ou seja, é na realidade que está a verdade, e para isso é preciso conhecê-la; uma vez que, o que conhecemos efetivamente - no caso, a realidade concreta material - é o que podemos transformar. Se essa realidade só existe no campo das ideias, só é possível transformar as ideias e não a realidade. Entretanto, o critério da verdade é o real. E vai ser essa realidade material que vai determinar a vida social, uma vez que “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (Marx, 2008, p. 32). Logo, quando os sujeitos não vão além das aparências dessa realidade, a realidade que se apresenta aos sujeitos, é a que já foi manipulada, sendo essa realidade perpassada pelo concreto caótico.

Destaca-se aqui, que para o capital, é viável que a classe trabalhadora não reconheça a realidade social como ela realmente é, sendo esta repleta de determinantes sociais e contradições. Quanto mais camuflado forem os problemas estruturais da realidade/sociedade, melhor para o capital, uma vez que se a classe trabalhadora toma conhecimento disso, através da classe para si⁷, possivelmente resultaria numa transformação/revolução por esta classe.

Kosik (1926) destaca,

[...] a práxis utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade. Por este motivo Marx pôde escrever que aqueles que efetivamente determinam as condições sociais se sentem à vontade, qual peixe n'água, no mundo das formas fenomênicas desligadas da sua conexão interna e absolutamente incompreensíveis em tal isolamento. Naquilo que é intimamente contraditório, nada vêem de misterioso; e seu julgamento não se escandaliza nem um pouco diante da inversão do racional e irracional. (Kosik, 1926, p. 14)

⁷ A classe para si é revolucionária. É através dela que a classe trabalhadora se reconhece enquanto sujeito revolucionário. Sujeito esse capaz de reconhecer as contradições do sistema capitalista, como a exploração na qual ele é submetido.

No livro *Dialética do Concreto* (1926), Kosik também aponta que para chegar ao conhecimento científico - revolucionário crítico - é preciso fazer um *détour*. Ou melhor, é preciso fazer um desvio e/ou um caminho de volta quando se pretende chegar ao conhecimento crítico, para não se deixar intoxicar pelo conhecimento propagado na cotidianidade⁸. Esse desvio se torna necessário, quando o conhecimento difundido na realidade como verdadeiro é o conhecimento do senso comum e/ou o conhecimento difundido pela burguesia, amarrado na perspectiva gnosiológica do conhecimento. Heller (1972) aponta que ao suspender o cotidiano, voltamos para ele de forma modificada.

Segundo Netto e Carvalho (1996),

Raras são as pessoas que não se deixam intoxicar por esse cotidiano. Raras são as pessoas que o rompem ou o suspendem, concentrando todas as suas forças em atividades que as elevem deste mesmo cotidiano e lhes permitam a sensação e a consciência do ser homem total, em plena relação com o humano e a humanidade de seu tempo (Netto; Carvalho, 1996).

Fazer ciência, pensar no próprio método científico, se diferencia da produção do conhecimento baseado no senso comum⁹, incluindo crenças, saberes populares e superstições. Além disso, outro tipo de conhecimento difundido por muito tempo na sociedade foi o conhecimento religioso, este sendo colocado como verdade única e inquestionável. No filme “Giordano Bruno” (1973)¹⁰, por exemplo, veremos a influência da Igreja na disseminação do conhecimento religioso como a única narrativa a ser seguida, revestida de absoluta veracidade. Esta dinâmica resultou em acusações de heresia para aqueles que desafiaram a doutrina católica, como aconteceu com o próprio Giordano Bruno. O filme nos mostra como a fé e o conhecimento religioso foram usados como ferramentas de poder para a manipulação e controle das pessoas. Destarte, quando há a apropriação do conhecimento por um determinado grupo social, a concepção de mundo difundida passa a ser a deste grupo dominante.

O senso comum, por estar permeado na esfera do cotidiano, não enxerga a realidade tal como ela é, acaba por positivá-la e não percebe suas reais contradições. É importante destacar que é no cotidiano que está presente o imediatismo, o pragmatismo,

⁸ A respeito da cotidianidade ver Agnes Heller (1972);

⁹ Destaca-se que de forma alguma esses saberes devem ser menosprezados. Tendo em vista que toda forma de produzir conhecimento é válida, inclusive, a ciência necessita do senso comum para progredir.

¹⁰ O filme retrata a vida do astrônomo, matemático e filósofo italiano, frade dominicano na juventude, Giordano Bruno, que foi queimado vivo na fogueira da Inquisição em 17 de fevereiro de 1600, na praça de Fores, em Roma. Sua defesa da Ciência nascente e suas críticas políticas à religião fizeram com que a Santa Sé o considerasse um inimigo perigoso da Igreja. Submetido a cruel tortura, enfrentou altivamente os interrogatórios, sustentando suas idéias da presença de Deus em cada fração da matéria.

a alienação, a aparência das coisas, ou melhor, é no cotidiano que está presente a pseudoconcreticidade¹¹, ou seja, a falsa concreticidade. Aqui não se enxerga a realidade com os seus determinantes sociais, sejam eles econômicos, culturais, políticos e etc.

Tonet (2013, p. 118) aponta que “tomar os fatos como eles se apresentam na sua imediaticidade como matéria do conhecimento sem submetê-los a uma crítica conduz sempre ao falseamento da realidade”. Além do mais, possui um caráter a-histórico, semelhante ao padrão greco-medieval, uma vez que “o mundo dos objetos fixados, que dão a impressão de ser condições naturais e não são imediatamente reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens” (Kosík, 1926, p. 15).

Destarte, para conhecer a realidade tal como ela é, é preciso destruir o mundo da pseudoconcreticidade. É preciso sair do mundo das aparências. Mundo esse que está permeado pela práxis fetichizada/fragmentada¹² ou práxis cotidiana do pensamento comum como destaca Kosík (1926). Entretanto, sair do mundo da pseudoconcreticidade não é tarefa fácil e não acontece da noite para o dia, uma vez que se torna difícil não se intoxicar pelo automático do cotidiano, principalmente por estarmos submergidos no sistema capitalista. Não é tarefa fácil entender os fenômenos para além da sua aparência, uma vez que isso só é possível através do materialismo-histórico-dialético¹³ do padrão marxiano do conhecimento.

Quando há a suspensão do cotidiano¹⁴, rompe-se por um momento com o automático e paramos para refletir sobre a realidade que nos cerca de forma crítica e começamos a enxergar o mundo com outros olhos, leia-se com os olhos críticos. O mundo da pseudoconcreticidade leva a uma falseamento da realidade, ou seja, não vai além do que está posto, não mostra a essência dos fenômenos, apenas a aparência destes. Os indivíduos têm acesso a um mundo falseado com a pseudoconcreticidade, mundo esse

¹¹ Segundo Kosik (1926, p. 15), “o complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade.”

¹² Se a práxis é a ação concreta refletida, a práxis fragmentada vai ser a ação não refletida criticamente da realidade, uma vez que na vida cotidiana, na divisão do trabalho e na sociedade de classes, não há espaço para uma reflexão crítica da realidade.

¹³ De forma bem sintetizada, o materialismo-histórico e dialético se baseia na realidade concreta e material, no homem como sujeito histórico e revolucionário, uma vez que ele é capaz de construir sua própria história; e essa mesma realidade, é repleta de contradições, por isso que a mesma é dialética; uma vez que tudo na realidade material perpassa pelas contradições do capitalismo. Nada está imune a essa lógica.

¹⁴ Quando saímos por um momento do automático do dia a dia, do nosso cotidiano. E fazemos essa suspensão da cotidianidade através do trabalho criador, da arte, da cultura, da filosofia, etc.

que é controlado pelo sistema capitalista, ou melhor, controlado pela classe dominante. Tonet (1997, p. 05) pontua que é perceptível, por parte da classe dominante, através da perspectiva gnosiológica, “[...] um esforço para compreender o mundo escondendo o essencial e revelando apenas as aparências”.

Diferentemente do mundo da pseudoconcreticidade,

O mundo real não é, portanto, um mundo de objetos “reais” fixados, que sob o seu aspecto fetichizado levem uma existência transcendente como uma variante naturalisticamente entendida das idéias platônicas; ao invés, é um mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados como produtos do homem social, e o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social. [...] Ao contrário do mundo da pseudoconcreticidade, o mundo da realidade é o mundo da realização da verdade, é o mundo em que a A verdade não é dada e predestinada, não está pronta e acabada, impressa de forma imutável na consciência humana: é o mundo em que a verdade devém. Por esta razão a história humana pode ser o processo da verdade e a história da verdade. A destruição da pseudoconcreticidade significa que a verdade não é nem inatingível, nem alcançável de uma vez para sempre, mas que ela se faz; logo, se desenvolve e se realiza. (Kosík, 1926, p. 23)

Assim sendo, a pseudoconcreticidade se apresenta primeiro aos indivíduos, através da aparência. Já a concreticidade, vai além das aparências, ela revela o concreto pensado, revela os determinantes sociais da realidade, revela as relações sociais. A pseudoconcreticidade pode ser destruída através do “[...] método dialético-crítico, graças à qual o pensamento dissolve as criações fetichizadas do mundo retificado e ideal para alcançar a sua realidade”. A dialética é o método revolucionário de transformação da realidade (Kosík, 2013, p. 22).

É só com o padrão marxiano do conhecimento que é possível dar conta da unidade sujeito-objeto, através da práxis social, sem os separá-los. Para Marx há uma reciprocidade entre essa unidade. Assim, na perspectiva do método em Marx, segundo as palavras de Kosík (1976, p. 24), “[...] a realidade social dos homens se cria como união dialética de sujeito e objeto”. Tonet (2013, p. 69) aponta que é neste momento que Marx se torna um “instaurador de um padrão radicalmente novo de conhecimento”. É importante destacar que neste padrão do conhecimento, o objeto - realidade concreta e material - ainda continua sendo o pólo principal, pois “a realidade objetiva tem uma existência independente da consciência e, portanto, tem uma prioridade sobre a subjetividade” (Tonet, 2013, p.101).

É a partir de Marx, com a abordagem ontológica do conhecimento, que a realidade social é colocada em perspectiva de totalidade¹⁵. Para Kosík (1926, p. 44), a “totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido”. É essa categoria que nos dá condições para desvelar o real. Tonet (1997) aponta que,

A grande diferença entre quem parte de um ponto de vista ontológico e quem parte de um ponto de vista gnosiológico, por sua natureza, permite e exige a captura do objeto enquanto totalidade, portanto tem na totalidade a sua categoria axial, ao passo que o segundo, na sua ausência desta categoria, pode apenas apanhar momentos parciais, por mais importantes que sejam. (Tonet, 1997, p. 07)

Ou seja, é só a partir do ponto de vista ontológico do conhecimento que temos uma razão dialética do objeto, ao passo que este é colocado em perspectiva de totalidade. Aqui temos a lógica do ser social¹⁶, no qual a centralidade está no objeto. O ponto de vista ontológico, possui um caráter revolucionário, vai além do procedimental, uma vez que este é o meio e não o fim. Além do mais, é com essa perspectiva que se tem o conhecimento das contradições presentes no sistema capitalista, através da análise do modo de produção capitalista.

Diferentemente do ponto de vista ontológico, a perspectiva gnosiológica do conhecimento, se resume apenas a razão procedimental e não realiza as mediações necessárias com o objeto. Nesse ponto de vista, a verdade está no sujeito, logo, acaba focando no lado subjetivo/idealista do indivíduo e não na sua realidade material. Destarte, acaba sendo um ponto de vista conservador que favorece o capital. Também é preciso destacar, que a perspectiva gnosiológica não é menos importante, a questão é que ela não é suficiente para analisar os fenômenos da realidade, tendo em vista que a mesma não considera a categoria da totalidade, tampouco possui a perspectiva de classe social.

Nesse sentido, é só o padrão marxiano do conhecimento, enquanto perspectiva revolucionária, através do materialismo-histórico-dialético, que nos permite uma compreensão da realidade de maneira crítica. Os fundamentos metodológicos de caráter ontológico são aqueles que melhor permitem a compreensão da realidade concreta

¹⁵ A totalidade é a categoria principal para o materialismo-histórico-dialético de Marx. Ela é formada por partes contraditórias - estas se relacionam - e de mediação.

¹⁶ “Ao contrário dos animais, que trazem em seu código genético as leis do seu desenvolvimento, o ser humano, só pode desenvolver suas potencialidades através da interação com os seus semelhantes. O ato que funda o ser social - o trabalho - evidencia isso” (Tonet, 2013, p. 90).

material, considerando a perspectiva de classe. Além disso, é através do padrão marxiano que a classe operária se torna classe protagonista. Desse modo, o proletariado passa a ser visto como sujeito revolucionário, este “[...] pode mudar de modo revolucionário a realidade humano-social porque ele próprio é o produtor desta última realidade” (Kosík, 1926, p. 23).

3. Considerações finais

Em suma, a análise das transformações do conhecimento ao longo da história revela a evolução das perspectivas de conhecimento, desde o padrão greco-medieval até o padrão marxiano enquanto perspectiva revolucionária. O conhecimento não é estático, mas sim um produto da sociedade e da história, e reflete as relações sociais e as forças produtivas de cada época. A visão ontológica e materialista do conhecimento, como proposta pelo padrão marxiano, emerge como uma abordagem revolucionária que permite uma compreensão crítica da realidade social. Isso implica ir além das aparências e abraçar a dialética da totalidade. Nesse contexto, a classe trabalhadora se destaca como o sujeito revolucionário, sendo a única capaz de transformar a realidade a sua volta e superar as contradições do capitalismo. Destarte, o conhecimento é uma ferramenta poderosa na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, onde a verdade é construída através da práxis social, e não imposta por interesses dominantes.

4. Referências

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. (trad. De Célia Neves e Alderico Toríbio). 2a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 (reimpressão: 2002). MARX, K. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

_____. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. ENGELS, F. **A Ideologia Alemã: (Feuerbach)**. 5. ed. (Trad. de José C. Bruni e Marcos A. Nogueira). São Paulo, Hucitec, 1986.

NETTO, J; CARVALHO, M. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 4ª Edição. Editora Cortez, São Paulo, 1996.

TONET, Ivo. **Pluralismo Metodológico: falso caminho**. In: *Democracia ou Liberdade?* Maceió: EDUFAL, 1997.

_____. **Método científico: uma abordagem ontológica.** São Paulo: Instituto Lukács, 2013.